

CRÉDITO PARA PESSOAS FÍSICAS NO BRASIL ANÁLISE ESTATÍSTICA E ECONÔMICA

Bruno Mota Lopes*
João Carlos Domingos da Silva**

RESUMO

Este artigo analisa a oferta de crédito para pessoas físicas no Brasil no intervalo de março de 2000 a março de 2006, através da análise estatística, e sobre esta, a econômica que a completa. Os métodos usados obedeceram aos passos do processo de aprendizagem do curso de estatística.. A entrada do chamado crédito consignado, marcou forte influencia sobre a oferta de crédito para pessoas físicas no Brasil, a partir de novembro de 2005.

Palavras-Chaves: *Oferta de crédito, análise estatística, economia, crescimento, crédito consignado.*

1 INTRODUÇÃO

Entre os agregados econômicos, o crédito tem o papel de viabilizar os investimentos e o consumo, completando-os e garantindo o sucesso do desenvolvimento econômico, por gerar o aumento da demanda e garantir o aumento da produção e da renda.

A partir de uma concepção keynesiana, o crédito é um canal através do qual se processam as flutuações dos agregados macroeconômicos. Nesse sentido, a ausência de alternativas de crédito em volume adequado limita a capacidade de expansão da economia como todo (NOGUEIRA, 2006).

Dentre os muitos temas estudados, envolvendo os vários assuntos relacionados ao crédito, os estudos que buscam entender o lado da oferta de crédito no país, vem ganhado grandes espaços na literatura econômica, a partir da década de 90, com a estabilização dos preços internos e o conseqüente crescimento da importância do crédito como mecanismo de incentivo ao progresso da economia, via os pequenos e grandes investimentos.

No Brasil, verifica-se uma baixa oferta de crédito em geral, notadamente registrada na baixa relação Crédito/Produto Interno Bruto (PIB) (RIBEIRO, 2006), principalmente, aqueles voltados para a população de baixa renda.

Dada esse conjunto de informações, este estudo faz uma breve análise sobre como se comportou a oferta de crédito para pessoas físicas no Brasil, no intervalo de março de 2000 a março de 2006, buscou-se entender como modificou ao longo do tempo a oferta, através das ferramentas estatísticas, ao mesmo tempo que busca explicar por que houve alteração, quais suas razões, via os fundamentos das Ciências Econômicas.

2 ANÁLISE ESTATÍSTICA E ECONÔMICA

Diante das muitas vertentes da economia monetária, uma das muitas seções das Ciências Econômicas, o crédito, atrai a atenção de muitos economistas em função de sua força propulsora de crescimento, multiplicadora de oportunidades e realizadora de planos, além das questões que justificam a baixa relação do crédito com o PIB no país.

Nas sub-seções seguintes, serão apresentados às análises e os resultados, sobre o horizonte definido acima, lançando mãos das ferramentas estatística e econômica para tentar entender o mercado de crédito para pessoas físicas no país, seu comportamento e as modificações, e suas razões ao longo dos 6 anos (março de 2000 a março de 2006), que representa o intervalo temporal dessa pesquisa.

2.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No exercício estatístico, a escolha da **população**, é peça chave do processo de planejamento da investigação, a qual neste artigo é a **oferta de crédito no Brasil**. Universo, que reserva muitas discussões principalmente sob as defesas teóricas de duas correntes de pensamento econômico: minimalista e desenvolvimentista.

Linhas teóricas, ao se tratar de economia monetária, que se detêm principalmente sobre as razões que levam as instituições a aumentarem ou diminuïrem o volume de recursos disponíveis para crédito.

Uma vez escolhida a população, que analogicamente seria uma floresta, teremos que escolher uma das árvores, a nossa **amostra**, que será neste trabalho a **oferta de crédito as**

peças físicas no Brasil, conforme informações do Banco Central (2006), descrita nos Gráficos a seguir:

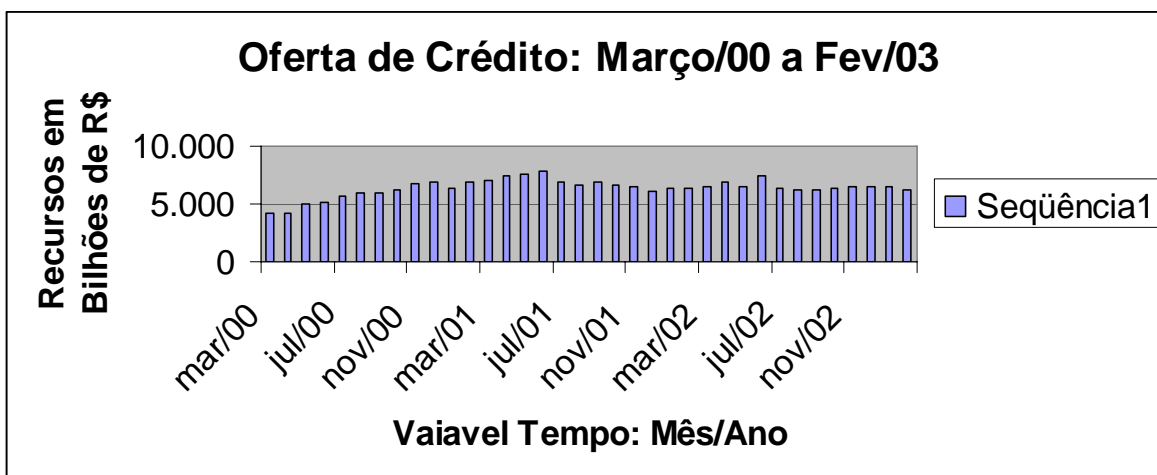


Figura 1 – Oferta de Crédito para Pessoas Físicas (Continua) – Março/00 a Fev/03
Fonte: Banco Central do Brasil - Bacen

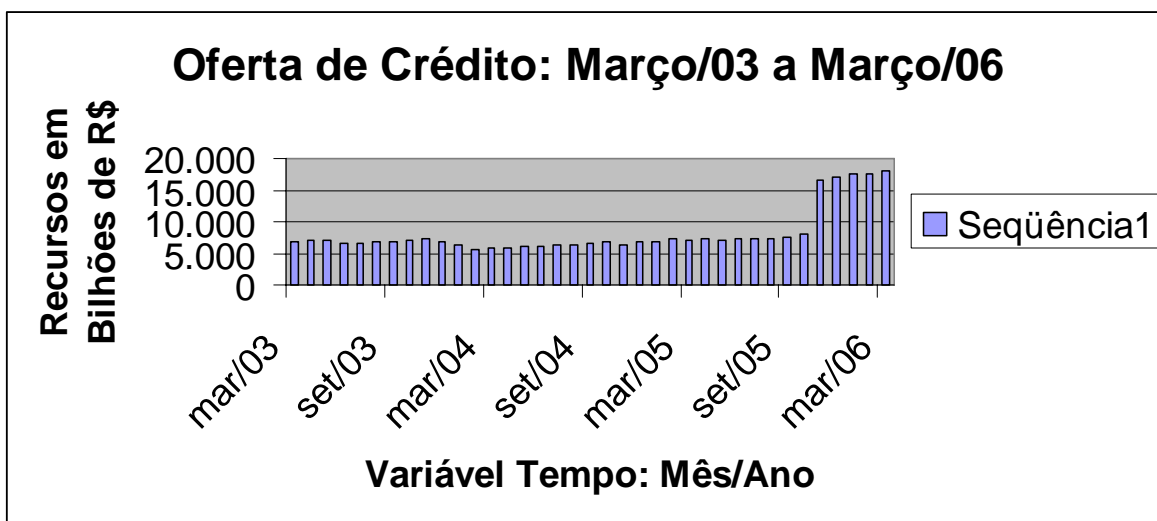


Figura 2 – Oferta de Crédito para Pessoas Físicas (Continuação) – Março/03 a Março/06
Fonte: Banco Central do Brasil - Bacen

Na observação da amostra, vê-se claramente que os números obedecem a uma tendência até um determinado momento (outubro de 2005 – ver Figura 2), onde há um choque brusco dos mesmos, o qual será melhor explorado nas considerações finais. Porém, para buscarmos entender os caminhos traçados e as conclusões que chegaremos, verificaremos os dados da nossa amostra, contida nas **Figura 1 e Figura 2**, seguindo alguns modelos estatísticos.

Dessa forma, primeiro lançaremos o olhar sobre as medidas de tendência centrais, as quais colaboram nesta análise, através da determinação da média, da mediana e da moda. Com isto buscaremos identificar, sobre quais números da amostra se aglomeram os valores, ou seja, quais os números que mais se repetem ao longo do tempo. Como o conjunto está dividido, a partir dos números centrais que dividem a amostra, bem como se há repetição de alguns números.

Obedecendo a lógica descrita anteriormente, os resultados estão no **Tabela 1**, a seguir:

Tabela 1- Medidas Centrais

Medidas	Resultados
Média	7.321
Mediana	6.649
Moda 1	6.376
Moda 2	7.385

Fonte: Banco Central do Brasil - Bacen

Os números resultantes, afirmam que as medidas calculadas acima foram influenciadas, decisivamente, pelo avanço destoante do volume da oferta de crédito para pessoas físicas, a partir de novembro de 2005, onde foi registrado uma grande disparidades frente a história do nosso universo, via a potencialização do chamado crédito consignado nos grandes bancos nacionais.

Por sua vez, as medidas de dispersão, que buscam a variabilidade do conjunto de dados, tentando caracterizar o seu formato, através das diferenças entre os números da amostra, os quais estão definidos no **Tabela 2**.

Tabela 2 - Medidas de Dispersão

Medidas	Resultados
Dispersão	13.879
Variância	8.017
Desvio Padrão	2.832
Desvio Médio	7.217

Fonte: Banco Central do Brasil - Bacen

Para a dispersão, que busca auferir justamente o distanciamento de alguns números das medidas centrais, o oposto das medidas centrais, o resultado foi de 13.879, ou seja, para

a diferenças entre os extremos (valor menor e maior valor) da amostra, há um claro abismo, um rompimento drástico do histórico evolutivo da oferta até outubro de 2005, e um aumento grande no mês subsequente.

O distanciamento numérico, fica melhor caracterizado, se considerarmos o volume ofertado de crédito no mês de novembro de 2005, que eram de R\$ 7.968, no mês de outubro, e passaram a representarem, no mês subsequente, R\$ 16.560, aumentando em 107% a oferta de crédito em relação ao mês anterior. Aumento jamais registrado durante o intervalo de março de 2000 – outubro de 2005.

Por sua vez, se levamos em consideração o mês de março de 2000, onde os recursos eram de R\$ 4.161, e no mês de março de 2006, onde os recursos eram passaram a ser de R\$ 18.040 , o aumentando é de 298%, o que denota o grau de afastamento sofrido pela mostra, o que gerará as conseqüentes distorções dos resultados, verificadas no exercício estatístico deste estudo.

O mesmo argumento é reforçado quando submetemos os dados às fórmulas das medidas de dispersões, sob o ângulo inverso (como se as duas medidas se completassem: uma côncava e a outra, convexa).

Com a preocupação de aprofundar mais essa investigação e somar mais um artifício estatístico, faremos uma verificação gráfica do comportamento e do que vemos afirmando a respeito dos números da nossa amostra até aqui

Para tanto, como se prevê na estatística, distribuiremos os dados da amostra em freqüência, considerando determinados intervalos de valores nas **Figura 1 e Figura 2**, como segue abaixo.

Na seqüência, de posse das informações construídas pelo mapa de freqüência, construiremos o histograma – que se traduz como um diagrama da freqüência. A seguir, são apresentados o mapa de freqüência (**Tabela 3**) e o Gráfico (**Figura 3**), onde consta o Histograma.

Tabela 3 - Distribuição de Frequência

Classe	Intervalo de	Frequência - f(X)
	Recursos	
1	4000 ----- 4999	2
2	5000-----6000	8
3	6000-----7000	41
4	7000-----16000	17
5	16000-----17000	1
6	17000-----18000	3
7	18000-----19000	1
Total		73

Fonte: Banco Central do Brasil - Bacen

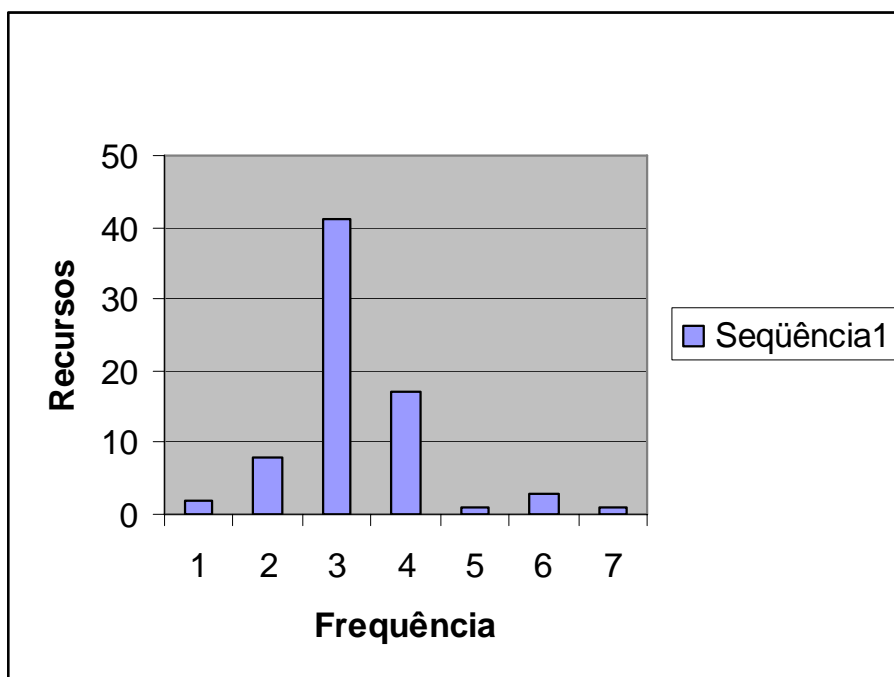


Figura 3 – Histograma da Tabela 3

Fonte: Banco Central do Brasil - Bacen

Como visto, a distribuição e o conseqüente gráfico, reforçam, visualmente, dando maior segurança, o que este estudo vem demonstrando desde do início das interpretações estatísticas, que pode ser resumido da seguinte forma: os últimos cinco números influenciaram e comprometeram decisivamente, tanto o exercício para cálculo das medidas centrais quanto as medidas de dispersão, que desenha o comportamento ao longo do intervalo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apuração dos resultados estatístico nos conduz a concluir, agora sob o ponto de vista econômico, que: a potencialização do chamado crédito consignado, após dois anos da edição da lei que o possibilita a ser usado pelo mercado bancário brasileiro, alterou substancialmente o histórico da oferta de crédito para pessoas físicas no Brasil, considerando o intervalo proposto pela amostra: março de 2000 a março de 2006, representando um salto de 298%, se consideramos os extremos do intervalo temporal de nosso universo: março de 2000 – março de 2006.

A dúvida que suscita desse conjunto é se estas taxas de crescimento mais bruscas, ou mesmo próximas destas, que teve início em novembro de 2005, são sustentáveis no longo prazo, dado o endividamento da população e o baixo crescimento do produto interno.

De qualquer forma, as conclusões anteriores, erguidas sobre os resultados dos exercícios estatísticos, desse estudo, nos obriga entender, agora sob o ângulo da teoria econômica, como se comportava o mercado de crédito para pessoas físicas, o que faremos levando em consideração o intervalo da nossa amostra, e quais os principais fatores que impediam, até outubro de 2005, que o mesmo crescesse com percentuais que colaborasse com a maior oferta de crédito.

O conjunto de informações que construímos a partir do instrumental estatístico mostram que o mercado em questão, se comportava de uma forma conservadora, a medida que seu crescimento, levando em consideração o mês anterior, sempre foi modesto. Mas, o que efetivamente possibilitou tamanho aumento da oferta, então?

O mercado de crédito no Brasil, nunca cumpriu com o papel que cabe a este na economia e no processo de desenvolvimento econômico, uma vez: considerando a relação crédito/PIB, que em países desenvolvido, em alguns em desenvolvimento, tais como: Chile, se aproximam de 100% do PIB, no nosso país essas mesmas taxas são de 31,3%.

Trazendo a análise para um dos sub-grupos do crédito, que é nosso objeto de estudo nesse estudo, direcionado as pessoas físicas, verificasse que o conservadorismo é historicamente grande, o que causa espanto quando o chamado crédito consignado é atrelado definitivamente as ferramentas de garantia bancaria dado o salto percentual e as distorções que as mesmas causaram na nossa amostra, distorcendo-as, a medida que aparecem com volumes bem superiores ao histórico do intervalo.

A operação de crédito consignado, é caracterizada por condicionar os recebimentos das parcelas dos empréstimos realizados a folha de pagamento de funcionários públicos e/ou dos beneficiários do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), diminuindo sensivelmente os riscos implícitos a esta modalidade de empréstimo (denominado de crédito pessoal).

O que fica mais claro nesse processo todo é que há uma demanda de crédito em geral muito reprimida no Brasil, havendo espaço para aumentos consideráveis de crescimento da oferta de crédito nos mais diversos segmentos da economia, desde de operações de relevantes valores até o que chamamos de microcrédito, que são operações voltadas para micro empreendedores informais de bairros carentes, firmados através de uma metodologia específica e adequada para o público foco dos diversos programas existentes no Brasil, os quais, dentro de duas décadas de existência no país, só atingem apenas 2% do seu público demandante, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), órgão ligada a ONU.

Porém, devemos considerar que: apenas o crescimento econômico em torno de 5 a 6% anuais, garantem o bom funcionamento e continuidade dos fluxos de produtos e financeiros, com o aumento responsável, cercadas de medidas ajustadas as mais diversas faixas, do número de demandantes, pode vir a sustentar este segundo momento da oferta de crédito para o segmento pessoa física, dada os riscos que este tipo de operação sustenta historicamente.

Então, concluímos que, o mercado bancário privado (e parte do público) averso a risco, de uma forma estritamente conservadora, assinala que o crescimento da oferta de crédito está diretamente relacionado a garantia de instrumentos legais e de fácil manuseio, que diminua o risco em cada operação.

Sem esse ou outros instrumentos que diminuam os riscos, o setor bancário continuará a direcionar os recursos creditados em seus cofres, na compra de títulos público e garantindo, com baixo risco, rendimentos altíssimo, se é que em algum momento eles abandonaram essas operações e seus altos rendimentos, se, claro, os fundamentos monetários mantiverem sobrando a favor deste grupo.

REFERENCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. [Site institucional]. Disponível em: <http://www.bacen.fazenda.gov.br>.> Acesso em: 23 mar.2006.

BANCO MUNDIAL. **Informe sobre el desarrollo mundial 2000/2001: lucha contra la pobreza**. Washington, 2001.

CANUTO, O. Doses de microcrédito contra a pobreza. **Jornal Valor Econômico**, São Paulo, 2001. Disponível em: < <http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo152.htm>> . Acesso em: 22 abr. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL - IBAM. **Microfinanças ou financiamento do desenvolvimento local?** Rio de Janeiro, 2000. (Oficina de trabalho).

MILLIS, W. Microcrédito: um avanço contra a incerteza. **Jornal Gazeta Mercantil**, São Paulo, cad.Gazeta Bahia, p. 2, 8 dez. 1999.

NOGUEIRA, P. B. Jr. **A economia como ela é**. Rio de Janeiro: Editora Boi Tempo, 2001.

RIBEIRO, A. Instituições públicas perdem mercado no ano passado: crédito tem forte alta e chega a 31,3 % do PIB. **Jornal Valor Econômico**, São Paulo, Caderno Finanças, C1, 25 jan.2006.

_____. Pessoas físicas ainda puxam a expansão, mas empréstimo consignado perde fôlego: crédito atinge os 28,2% do PIB. **Jornal Valor Econômico**, São Paulo, Caderno Finanças, p.C1, 24 ago. 2005.

SILVEIRA, C M. **Trabalho e renda: ações institucionais de fomento no Brasil**. Rio de Janeiro: FASE/GTZ/NAPP/SACTES, 1995.

SILVEIRA, C M; MELLO, R. **Setor informal urbano: projeto de geração de emprego e renda no Brasil**. São Paulo: [s.n.], 1991.

SILVEIRA, C. M; AMARAL, C; MELLO, R. **Crédito popular: iniciativas em andamento no Brasil**, 1999. Disponível em: < <http://www.geracao.org.br/texto3.htm>> Acesso em 4 mar. 2006.

TOSCANO, I. **Microcrédito: uma filosofia de mudança**. São Paulo: Federação de Apoio aos Pequenos Empreendimentos (FENAPE), 2001.

YUNUS, M. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Ática, 2000.